

- sentações (imagens, mitos, idêias ou conceitos, segundo a ocasião) dotado de uma existência e de um papel histórico no seio de uma dada sociedade". George Duby. *História social e ideologias das sociedades*. In: *História: No vos Problemas*. Livraria Francisco Alves Editora, Rio de Janeiro, 1976, p. 132.
9. Claude Lêvi-Strauss. *Raça e História*. In: *Antropologia Estrutural Dois*. Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1997, p. 351.
  10. *Id. ib.*, p. 354.
  11. *Id. ib.*, p. 356-357.
  12. *Id. ib.*, p. 358.
  13. *Id. ib.*, p. 361.
  14. *Id. ib.*, p. 363.
  15. Michel Foucault. Resposta a uma questão. In: *Epistemologia*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, s/d, 28a. p. 62.
  16. Claude Lêvi-Strauss, *Raça e História*, *op. cit.*, p. 365.
  17. *Loc. cit.*

## A HISTÓRIA E O ENSINO

José Ney de Siqueira Mendes  
Universidade Federal do Pará

"Pai diga-me lâ para que serve a História". É assim que o emitente historiador March Bloch inicia sua importante obra *Introdução ao Estudo da História*, na tentativa de problematizar a situação em que se encontra quase sempre todo o principiante da História.

Sabemos que a questão é velha, pois mil vezes levantada, mil vezes suscitou e continuará suscitando os mais calorosos debates.

De nossa parte, como um estudante permanente da História, sempre temos levantado o debate em nossas aulas de *Introdução aos Estudos Históricos*.

"Disciplina indispensável à educação do espírito, ao despertar do sentido social, à conservação no seio da comunidade nacional de uma consciência da sua inênitável dignidade"; no dizer de George Lefebvre; a importância da história no ensino varia consoante os graus do mesmo, embora seja sempre modesta. Os horários dedicam-lhe algumas horas todas as semanas no primeiro grau, uma hora ou duas no segundo; quanto ao ensino superior, apóia-se em opções, especializar-se, ignora-a ou consagra-se-lhe.

Contudo, a História está em toda parte, mesmo fora das horas que os horários escolares lhe destinam. Não há disciplina em que se não estude História ou que se não situe na História, daí porque Besselaar afirmou ~~err~~ o homem um ser histórico por exceção.

Ensinar é escolher, é também adaptar e a História não pode escapar a este duplo condicionamento; a escolha é ditada pelo interesse dos alunos e pelas suas possibilidades e depende também necessariamente, do grau dos conhecimentos históricos e até mesmo da formação que os professores possuem.

A escolha feita em função da utilidade, ela pertence aos autores dos programas, mas o professor não pode deixar de pensar nessa utilidade, para por em evidência no seu ensino.

Assim, a exposição das instruções do novo programa deve declarar que os alunos devem aprender o **entido** da continuidade histórica, os quadros cronológicos **fundamentais**, os principais acontecimentos e as grandes correntes da civilização situadas no tempo e no espaço.

Cabe aos programas indicar os assuntos e os métodos de ensino e aos professores interpretá-los em função dos seus alunos e em função também da sua formação histórica. Podemos presumir que uns e outros guardem o segredo da "Verdadeira História".

O ensino no primeiro grau comporta, pois, largos sacrifícios, feitos à custa da disciplina História. Nada seria mais nefasto do que elevar prematuramente o seu nível; a maior parte dos alunos não são capazes de acompanhar e desistem; os melhores **aconstam**-se a falar daquilo que não compreendem, cometendo pesados erros que são muito difíceis de remediar mais tarde. O perigo mais grave nesta altura não é a história acontecimento, mas sim a história integral.

Mas, por isso, não se justifica que se faça um **dasino** despersonalizado quer em cronologia quer em geografia histórica. Os alunos só compreendem o que é concreto e além disso a sua imaginação precisa ser guiada. O plano inicial apóia-se, pois, em elementos reais e precisos, encontra uma expressão admirável no meio local, histórico e geográfico, com os seus vestígios, as suas recordações familiares, mesmo esquecidos mas sempre acessíveis. Os programas dos cursos de 1º grau **sii** sim como as instruções devem ser explícitas e muito bem adaptadas.

Após os primeiros anos não se pode permanecer nestas linhas gerais. O ensino histórico toma corpo e alma, o "homem notável" insere-se numa sociedade, o estudo distribui-se em conjuntos ordenados, onde a política se liga à economia, à religião, à sociedade, onde a

civilização e a cultura revelam os seus aspectos distintos. É, pois, durante este espaço de tempo que podem adquirir uma formação histórica, estudar o sentido cívico, social, nacional e internacional e também o seu espírito crítico, o que os vai tornar capazes de se situarem no tempo, na sucessão das civilizações e no espaço entre as existentes.

De qualquer forma, no final dos seus estudos, o ensino histórico terá possibilitado aos alunos : carcarem com uma noção mais clara do seu país dos seus fatos essenciais e singulares,

Na segunda fase do ensino do 2º grau, as capacidades intelectuais dos alunos, a cultura adquirida por outras formas, prestam-se a estudos históricos mais profundos apropriados para completar esta cultura e para situar numa civilização. São eles e somente eles que podem dar um denominador comum ao conjunto dos estudos e prepará-los para a vida real do cidadão e para os estudos superiores.

É, pois, aí que a História estrutural contratrará particularmente o seu lugar. O desenvolvimento contínuo, mas de qualquer maneira superficial, deve-o ser ritmado, por po perfis onde se possam observar os traços característicos da organização da sociedade, de economia, das forças políticas, o movimento das idéias, o enraizamento das

instituições, as causas profundas das mutações.

Finalmente, como nos indica Marcel Reinhard, haverá o cuidado de enraizar este conjunto no concreto da História, porque os alunos destas idades necessitam extraordinariamente de "*sistematizações peremptórias*", segundo a expressão de R. Hubert, e tenderiam facilmente para uma filosofia da história para a qual não possuem os conhecimentos nem a maturidade indispensável.

A este nível eminentemente favorável e que atinge seu apogeu no último ano e no primeiro do Curso Superior a História representa plenamente o seu papel formador e cultural, possui toda a sua autenticidade e deixa recordações a um método.

É ela que desperta o sentido da realidade, o hábito de situar os problemas no seu contexto e época e, por outro lado, explicar pelos seus antecedentes.

Ao nível do ensino superior, a História toma dois aspectos novos que se juntam aos precedentes: por um lado, a iniciação na investigação, por outro lado, a iniciação no ensino da própria história.

Um bom professor de História, pelo menos de segundo ciclo, é aquele que o diploma de estudos superiores inicia na investigação e que o grau universitário tornou conhecedor da situação dos conhecimentos e dos métodos.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- REINHARD, Marcel - O Ensino da História e seus Problemas.
- RODRIGUES, Honório José - Teoria da História do Brasil.
- BLOCH, Marc - Introdução ao Estudo da História.
- MARROU, I. H. - Do Conhecimento Histórico.

A REVOLUÇÃO DE 1383

Dora Britto de Gonçalves  
Universidade Federal do Pará

1. AS LUTAS DE CLASSES E A ASCENSÃO DA BURGUESIA.

Várias foram as causas que conduziram a sociedade portuguesa a uma crise revolucionária no final do século XIV. Sem dúvida, as lutas de classes e a ascensão da burguesia tiveram papel importante neste contexto histórico.

Para Marx e Engels, a história de cada sociedade nos mostra, até os nossos dias, a história das lutas de classes. Estas lutas são sempre ocasionadas pelas condições econômicas da época. Em Portugal, durante os séculos XIII e XIV, se operaram transformações fundamentais, que vieram abalar a estrutura do regime feudal, ocasionando o desenvolvimento da produção mercantil. Tais transformações ocasionaram o estabelecimento de novas relações de produção e a agravamento das lutas de classes.

Estas lutas tiveram início com os abusos